

## **CARACTERIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES FALSAS RELACIONADAS À COVID-19 DIVULGADAS NO CANAL SAÚDE SEM FAKE NEWS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE<sup>1</sup>**

Eduarda Lichtenfels<sup>2</sup>, Daniel Moraes Pinheiro<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Vinculado ao projeto “Compreendendo a cultura política e confiança a partir do papel das organizações que atuam na educação política”

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Administração Pública – ESAG – Bolsista PROBIC/UDESC

<sup>3</sup> Orientador, Departamento de Administração Pública – ESAG – daniel.pinheiro@udesc.br

A evolução da comunicação ao longo dos anos gerou várias transformações significativas no contexto social e mercadológico. O advento da internet e das redes sociais virtuais tornou possível o acesso a meios de comunicação mais rápidos, interativos e eficazes entre indivíduos de todo o mundo. Neste cenário, o compartilhamento de informações proporcionada pelas mídias sociais começaram a trazer implicações não somente para o ambiente on-line como também para a realidade global, por exemplo, com a popularização das notícias falsas, as chamadas Fake News (SOUSA JÚNIOR; RAASCH; SOARES; RIBEIRO, 2020).

Organizações públicas e privadas já estão cientes dos impactos que a circulação de notícias falsas pode provocar na vida das pessoas. Apesar de afetar todos os segmentos da sociedade, os conteúdos inverídicos podem ter efeitos ainda mais nocivos no âmbito da saúde pública, uma vez que estão envolvidas com o bem-estar do cidadão. Por se apoderarem da espetacularização da doença, do acirramento dos temores e dos medos individuais e coletivos, esse tipo de mensagem faz com que aumente os receios frente à eficiência e lisura da ciência, em particular das ciências médicas (MONARI; BERTOLLI FILHO, 2019).

Com o propósito de combater às notícias falsas, o governo brasileiro realizou em setembro de 2018 uma campanha digital para debater e diminuir a circulação de boatos e mentiras sobre vacinação. Na ação, imagens e vídeos trouxeram exemplos típicos de mensagens errôneas que se disseminaram na internet e convidavam os cidadãos a refletirem sobre o conteúdo que compartilham nas redes sociais. Outra iniciativa, realizada, porém, de forma contínua, foi a criação do canal de comunicação do Ministério da Saúde chamado Saúde Sem Fake News.

Diante da problemática criada pela difusão de informações falsas no âmbito da saúde pública, esta pesquisa busca identificar quais são as principais características das fake news sobre coronavírus compartilhadas por usuários de redes sociais digitais no Brasil.

De modo a realizar a investigação, optou-se, nesta pesquisa, por realizar, inicialmente, uma revisão bibliográfica do tema e, posteriormente, foi realizada uma análise qualitativa e quantitativa da utilização do termo “coronavírus” no canal de informações Saúde Sem Fake News do Ministério da Saúde.

A busca pelas notícias falsas ocorreu no banco de dados contido na página do Ministério da Saúde, no cenário da pandemia, no dia 26 de julho de 2020, quando foram identificados 81 registros. Após a coleta, criou-se um quadro, para organização das informações como o título da notícia, o veículo de informação e o parecer do Ministério da Saúde. Foram originadas cinco categorias: informações relacionadas aos discursos de autoridades na saúde (44), terapêutica (17), prognósticos da doença (9), medidas de prevenção (8) e vacinação (3).

Verificou-se que os registros classificados como notícias falsas nem sempre são fáceis de serem reconhecidos. As mensagens aparecem, quase sempre, acompanhadas de fotos, áudios e vídeos, o que dificulta o discernimento do público, uma vez que nomes de especialistas são utilizados na maioria dos casos, sem a devida autorização, para conferir autoridade ao conteúdo transmitido. Um exemplo é um áudio atribuído ao presidente do Hospital Albert Einstein que afirma que "acabou de ser divulgado em Stanford um estudo que 100% dos 40 casos testados com hidroxiclороquina e azitromicina associados zeraram o PCR para Covid-19". O ato de trazer um especialista no assunto pode oferecer uma certa credibilidade ao conteúdo que é falso (DELMAZO; VALENTE, 2018).

Ademais, sugere-se um maior aprofundamento na investigação sobre o combate às fake news, já que o problema não se resolve com fórmulas prontas, mas com uma série de mecanismos que vão desde recursos técnicos até o investimento em educação e literacia digital (DELMAZO; VALENTE, 2018). Restrições legais devem ser criadas para combater a desinformação, como já vem sendo feito na Alemanha, mas sem perder o respeito pela liberdade de expressão (MONARI; BERTOLLI FILHO, 2019).

**Palavras-chave:** Fake News. Coronavírus. Saúde.

## REFERÊNCIAS

DELMAZO, C.; VALENTE, J. C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. *Revista Média & Jornalismo*, v. 18, n. 32, p. 155-169, 2018.

MONARI, A. C. P.; BERTOLLI FILHO, C. Saúde sem Fake News: estudo e caracterização das informações falsas divulgadas no canal de informação e checagem de Fake News do Ministério da Saúde. *Revista Média e Cotidiano*, v. 13, n. 1, 2020.

Ministério da Saúde (BR). *Saúde sem Fake News*. [Internet]. 2018. [acesso em 26 jul 2020]. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/fakenews>.

NETO, M. et al. Fake News no cenário da pandemia de Covid-19. *Cogitare enferm*. [Internet]. 2020 [acesso em 26 jul 2020]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72627>.

SOUSA JÚNIOR, J. H.; PETROLL, M. D. L. M.; ROCHA, R. A. Fake News e o Comportamento Online dos Eleitores nas Redes Sociais durante a Campanha Presidencial Brasileira de 2018. In: XXII SEMEAD – SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO, USP, São Paulo, 2019. *Anais [...]*, São Paulo, 2019.

SOUSA JÚNIOR, J. H.; RAASCH, M.; SOARES, J. C.; RIBEIRO, L. V. H. A. S. “Da desinformação ao caos: uma análise das fake news frente à pandemia do coronavírus (COVID-19) no Brasil”. *Cadernos de Prospecção*, vol. 13, n. 2, 2020.